

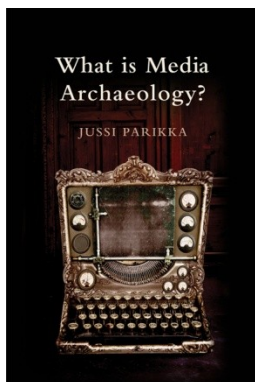
Sur le pavé la fibre optique:

Para uma (In)Definição da Arqueologia dos *Media*

NUNO MIGUEL NEVES

CLP | Universidade de Coimbra

Bolseiro da FCT



Jussi PARIKKA, *What is Media Archaeology?*

Cambridge: Polity, 2012, 200 pp.

ISBN 978-0745650265

Jussi Parikka, académico finlandês com extensa obra desenvolvida na área dos novos *media* e das culturas digitais (recomenda-se a visita ao seu blog *Machinology: Machines, noise, and some media archaeology*, disponível em <http://jussiparikka.net>), é daqueles autores singulares que espanta pela improbabilidade das relações que estabelece. Basta pensar em *Insect Media: An Archaeology of Animals and Technology*, que Parikka publicou na University of Minnesota Press em 2010, e no qual o autor analisa o desenvolvimento dos meios tecnológicos modernos a partir das formas de organização social de vários insectos, para se poder começar a ter uma ideia da originalidade do seu pensamento.

*What Is Media Archaeology?*, embora não indo tão longe no emaranhado da teia que desenha, segue, ainda assim, na linha da investigação e publicação anterior do autor que, em 2011, tinha sido responsável pela edição, em conjunto com Erkki Huhtamo, professor na UCLA, de *Media Archaeology: Approaches, Applications, and Implications*.

O livro, em cuja contracapa se pode ler que foi escrito “with a steam-punk attitude”, faz jus à descrição e são exactamente essas as palavras que, na primeira página, inauguram o texto: “Steam punk subculture” que, segundo o autor, expressa não só “important cultural desires” mas permite combinar também o “spirit of open source and hacker culture (...) with a strong histo-

rical curiosity” (1). Está assim estabelecido o cronótopo que imprimirá a disposição para essa viagem permanente, que o autor começa *in media res*, entre as culturas digitais do século XXI e a história do desenvolvimento tecnológico desde o século XIX, numa descrição dos modos de ver, de sentir e de pensar quer da modernidade, quer da pós-modernidade.

Reclamando-se discípulo da teoria da arqueologia dos *media*, esta não poderia deixar de ser uma das principais linhas de argumentação de Parikka: a recusa de uma linearidade da evolução tecnológica e com ela a recusa desse conceito de um mundo que surge *deus ex machina*. Não é possível compreender as culturas digitais contemporâneas sem olhar para o passado. Parikka tenta, no entanto, ir mais longe e, mais do que uma arqueologia dos *media*, *stricto sensu*, tenta proceder a uma arqueologia da própria arqueologia, uma meta-análise epistemológica da materialidade dos meios.

O livro, que nas palavras de Parikka “sets out to elaborate the potentials of the media-archaeological method (...) it offers an insight into *how to think media archaeologically*” (2) cumpre, ao longo dos sete capítulos que o constituem, essa promessa inicial. O autor explora – “this book is cartographic” (79) diz, de resto, Parikka – campos de estudo tão diversos como *New Film History*, ruído ou tecnologias imaginárias, um conjunto largo de teorias, escolas, correntes de pensamento, autores e autoras que permitem construir uma narrativa sobre a forma como entendemos e como pensamos a tecnologia digital e procede, meticulosamente, a essa meta-arqueologia de formas de representação e de experiência sensorial.

O texto que Parikka nos apresenta permite assim pensar a arqueologia dos *media* de um ponto de vista fluido, que tem em consideração diversos pontos de partida e diferentes linhas de análise, chamando a atenção, de forma particularmente eficaz, para a constituição desta disciplina como sendo realizada a partir de um conjunto vasto e heterogêneo de experiências.

*What Is Media Archaeology?* vive precisamente nessa tensão entre uma abordagem arqueológica que Parikka considera como mais “poética”, e que faz corresponder à visão de Siegfried Zielinski, e uma visão mais técnica, associada largamente à teoria de Friedrich Kittler, jogando desta forma com as diferentes possibilidades heurísticas que a disciplina proporciona. Mais do que tentar fixar-lhe os limites, Parikka aproveita-se dessa plasticidade e transforma o exercício arqueológico numa ferramenta com possibilidades tremendas.

Nem sempre se tem em atenção as possibilidades trazidas pela transição de uma abordagem cultural, com toda a história e produção de literatura que esta traz consigo, para uma abordagem que tem em consideração a dimensão material dos *media*. Os exemplos que podem ser encontrados ao longo de *What Is Media Archaeology?* são, a esse respeito, esclarecedores. Os seis capítulos, que à primeira vista se assemelham a uma manta de retalhos que apenas não o são porque cosidos com essa linha da leitura da arqueologia, ilustram-

no de forma eficaz e a metáfora do *steampunk*, essa mistura de um olhar simultâneo entre passado e presente, torna-se bastante produtiva.

O caso mais flagrante, a que Parikka dedica o segundo capítulo, é o do cinema. Procura-se assim olhar para as “cinematic cultures” (39) a partir do ponto de vista dos paradigmas cinematográficos anteriores, pensando a relação entre a passagem de modos de percepção ópticos para modos de percepção hápticos.

O terceiro capítulo parte em busca desse mundo fantástico de *objectos estranhos*, descritos por Jussi Parikka como “media non-existent, fabricated, or just at some point vanished and dead”(43), cuja única possibilidade de existirem no mundo é o de serem imaginados no âmbito de uma cultura de “e se?”. As possibilidades que a sua materialidade transporta é um dos temas em análise neste capítulo e, embora o papel da análise destes objectos no seio da arqueologia dos *media* seja, segundo o autor, “rather difficult to decipher” (44), a relação sistemática que o autor encontra entre invenção, imaginação e o nascimento da cultura científica moderna é justificação mais do que suficiente para que aqui figurem.

Já no quarto capítulo é aprofundada a questão da materialidade dos *media* e a sua relação com instituições discursivas. Wolfgang Ernst e Friedrich Kittler assumem aqui um papel principal nessa argumentação da necessidade de procurar também a materialidade e o sentido no interior das máquinas, quer ao nível do *software*, quer ao nível do *hardware*.

Uma outra ideia é a de que a arqueologia dos *media* “is interested in the anomalous, the non-mainstream in media cultures” (90). O quinto capítulo é, por isso, dedicado ao ruído, à interferência e aos acidentes. O olhar do leitor é assim dirigido para as tecnologias de gravação e reprodução sonora e para modelos de comunicação que Parikka faz remontar, em grande medida, a Shannon e Weaver, permitindo assim equacionar e compreender os pontos de contacto entre a história da ciência, a tecnologia e as artes.

Presente ao longo de toda a obra, e fundamental na ideia do autor das condições necessárias para a construção de uma arqueologia dos *media*, é a ideia de arquivo. A este propósito afirma Parikka: “Media archaeology starts with the archive” (113). Um autor surge, inevitavelmente diria, como âncora e ponto de partida deste pensamento: Michel Foucault e a sua ideia dos discursos enquanto arquivos que funcionam como expansões dos espaços físicos de armazenamento de dados, herdeiros directos dos registos burocráticos. Partindo desta ideia Parikka, analisa o desenvolvimento dos arquivos em contexto digital, tendo como base os próprios meios e aquilo que eles permitem perceber das políticas que lhes dão forma ou que os condicionam. É assim dada especial atenção à forma como as novas tecnologias digitais permitem ultrapassar o conceito burocrático de arquivo permitindo, simultaneamente, pensar em metodologias para arquivamento de processos e objectos puramente digitais.

O sétimo capítulo dedica-se inteiramente à questão da metodologia e da prática da arqueologia dos *media*. Fá-lo, no entanto, não do ponto de vista da teoria académica, mas do ponto de vista da arte como ponto de partida específico para pensar algumas práticas de remediação.

Em comum todos os capítulos partem e tentam responder à mesma questão: Será possível proceder ao exercício arqueológico sem estabelecer uma complexa rede de relações entre diferentes momentos do tempo histórico? Como compreender este devir?

*What Is Media Archaeology?* é escrito nessa tridimensionalidade que se obtém da intersecção entre genealogia, arqueologia e metodologia. Resulta deste(s) encontro(s) uma intrincada rede de relações, de possibilidades, de visões alternativas e de eventuais caminhos de análise e crítica. Obra heterogénea e extensa nas referências que apresenta, propõe uma viagem no tempo, entre passado e futuro mas também a mundos de tecnologia que não existem necessariamente.

Poderá esta obra de Parikka assumir-se como um manual da arqueologia dos *media*? O resumo que cada um dos capítulos apresenta no final é, sem dúvida, uma contribuição nesse sentido que permite, de alguma forma, a leitura de cada um deles como textos quase autónomos.

A obra desenvolve-se pois com um duplo sentido. Por um lado, anota de forma alargada as várias correntes que, de alguma forma, ajudaram a formar ou influenciaram o estudo dos novos *media* e das suas materialidades. Ao fazê-lo constrói uma nova visão da arqueologia dos *media*. Por outro lado pretende ser não uma análise daquilo que a arqueologia dos *media* significa mas, pelo contrário, constituir-se como um programa de acção: que pode a arqueologia dos *media* fazer? O que significa pensar arqueologicamente? Que espaço existe entre uma análise material e imaterial dos *media*?

Em jeito de conclusão, diga-se que Jussi Parikka parece estar determinado a fazer cumprir o papel da arqueologia dos *media*. Está previsto o lançamento, em 2015, de *A Geology of Media*, no qual o autor sustenta a necessidade, para uma compreensão real das culturas mediáticas contemporâneas, de recuar a realidades materiais que antecedem os próprios *media*. Tempo arqueológico, tempo geológico. O que virá a seguir?

© 2015 Nuno Miguel Neves.

Licensed under the [Creative Commons Attribution-Noncommercial-No Derivative Works 4.0 International](#) (CC BY-NC-ND 4.0).